

PSICODIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE ENTRE TÉCNICAS EXPRESSIVAS E TÉCNICAS DE AUTORRELATO

Eni Ribeiro da Silva

Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. Docente do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: <psicoeni@ig.com.br>.

Fabián J. M. Rueda

Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco e docente do mesmo Programa. Bolsista Produtividade do CNPq.
E-mail: <fabian.rueda@usf.edu.br>.

RESUMO

O objetivo foi investigar evidências de validade entre o PMK e a Escala de Tendência à Agressividade (EATA) e a Escala de Avaliação de Impulsividade (EsAvI) e entre o PMK e o Palográfico. A amostra foi composta por 300 sujeitos, homens e mulheres, de 18 a 61 anos. Todos os participantes foram submetidos ao PMK e ao Palográfico, e destes, 110 se submeteram à EATA e à EsAvI. Os dados do PMK foram separados em três grupos (-4 a +4, +/-5 a +/-8 e +/-9 a +/-12). Em relação à impulsividade, a análise de variância revelou apenas um traçado com resultado significativo e em relação a agressividade somente dois traçados diferenciaram os grupos. Apenas um traçado do PMK correlacionou positivamente (0,28, $p < 0,001$) com o tamanho dos palos. As correlações entre a porcentagem de ganchos no Palográfico e o PMK não foram significativas. O teste qui-quadrado não revelou associações significativas entre os dados qualitativos do Palográfico e o PMK.

Palavras-chaves: PMK, validade, agressividade, impulsividade

INTRODUÇÃO

A discussão em torno da validade proposta por Anastasi e Urbina (2000) levou à conceitualização de validade como aquilo que o teste mede e o quão bem ele o faz. Para as autoras, a validade de um teste pode ser dividida em construto, conteúdo e critério. Por sua vez, Primi, Muniz e Nunes (2009) ressaltam que este conceito tripartite baseado na “santíssima trindade da validade” tem sido muito discutido pela comunidade acadêmica, sendo um dos principais questionamentos, o fato de que tanto a validade de conteúdo quanto a validade de critério englobam informações inerentes à validade de construto.

Tais questionamentos já eram discutidos por Messick em 1989, e juntamente com a revisão realizada pela *American Educational Research Association (AERA)*, *American Psychological Association (APA)* e *National Council on Measurement in Education (NCME)*, culminou-se na versão dos *Standards for Educational and Psychological Testing*, publicada em 1999. Dessas discussões surgiu uma nova definição de validade, que passou a ser entendida como “o grau em que evidência e teoria sustentam as interpretações dos escores dos testes vinculados aos usos propostos por testes psicológicos” (AERA, APA, NCME, 2014, p. 78).

Assim, um primeiro ponto importante a ser considerado é que não se trata de “tipos”, mas

sim de “fontes de evidência” de validade, e essas evidências representam aspectos variados (Primi, Muniz & Nunes, 2009). Esses autores descrevem que essa nova definição engloba cinco fontes para se encontrar evidências de validade em um teste psicológico, quais sejam, baseadas no conteúdo; com base no processo de resposta; com base na estrutura interna; com base na relação com variáveis externas; e, baseadas nas consequências de testagem. De acordo com Primi, Muniz e Nunes (2009), esta reorganização em termos teóricos e conceituais é capaz de contribuir para o aumento da cientificidade na prática profissional da Psicologia e aos poucos está sendo incorporada em novas publicações.

Uma questão que também é discutida se refere ao fato da obtenção de evidências de validade para um teste objetivo ou escala de autorrelato ser uma tarefa menos árdua, em função da objetividade da medida. Porém, quando se trata de um instrumento projetivo, tal tarefa requer cautela por parte dos pesquisadores, uma vez que elas são pouco estruturadas e assim permitem avaliar características de personalidade de maneira indireta, o que impede o controle ou manipulação do instrumento utilizado por parte do avaliado (Weiner & Greene, 2004). A esse respeito, Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006), discutem a questão da cientificidade das técnicas projetivas que recebem variadas críticas quanto ao rigor metodológico nos estudos de evidências de validade e geram discussões entre a comunidade acadêmica. As autoras destacam que o rigor psicométrico é necessário para garantir confiabilidade aos instrumentos projetivos, sendo fundamental acrescentar evidências de validade aos estudos já realizados.

De acordo com Meehl (2000), as técnicas projetivas são mais capazes de descrever tendências espontâneas, subjetivas e motivadas por necessidades interiores e pouco controladas, enquanto que as medidas de autorrelato revelam-se mais intencionais e controladas, uma vez que seus relatos têm motivações claras, embora dependam do quanto o sujeito está disposto a colaborar ou tem consciência de seus comportamentos. Contudo, vale ressaltar que mesmo sendo propícias à manipulação do avaliado e susceptíveis à colaboração do mesmo, estas possuem embasamento científico na teoria psicométrica de construção e validação de testes, o que garante qualidade aos seus resultados.

As discussões sobre validade das técnicas projetivas enfatizam a necessidade de estudos que

as relacionem com medidas de autorrelato e que apontem para convergências ou divergências entre os resultados delas (Borges, Loth & Resende, 2012). Nesse sentido, falar em resultados divergentes ou correlações baixas ao relacionar técnicas projetivas e testes objetivos não necessariamente significa que ambos não aferem o mesmo construto, mas que por serem técnicas distintas no que se refere à estrutura, forma de aplicação e envolvimento do avaliado, isso pode ser esperado. A esse respeito, Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006) afirmam que o fato de haver baixa correlação entre instrumentos que, em princípio, medem o mesmo construto, não significa um problema de validade convergente, pois “instrumentos de medidas projetivas e de medidas objetivas acessam informações em níveis diferentes” (p. 186). Dessa forma, deve-se considerar não apenas o resultado encontrado, mas, sobretudo, entender o quão diferentes essas técnicas são.

Nessa perspectiva, Borges, Loth e Resende (2012) realizaram um estudo com o objetivo de verificar a correlação entre variáveis do método de Rorschach (sistema compreensivo) e o Inventário Reduzido dos Cinco Fatores de Personalidade (ICFP-R), no que diz respeito ao fator estabilidade emocional. Por meio de análises de correlação de *Spearman*, apenas seis variáveis do Rorschach se correlacionaram positiva e significativamente com o fator estabilidade emocional do ICFP-R. De acordo com as autoras, os resultados corroboraram os achados de outras pesquisas semelhantes. Contudo, também ressaltam que o fato de se encontrar achados divergentes entre dois tipos de instrumentos metodologicamente distintos, não implica em resultados contraditórios, mas revela que a mesma pessoa responde de maneira diferente em distintas situações, quais sejam, estruturadas e familiares e aquelas imprevisíveis, desafiadoras e desestruturadas.

Desse modo, este trabalho teve por objetivo investigar evidência de validade dos indicadores de agressividade e impulsividade do Psicodiagnóstico Miocinético (PMK) em relação ao teste Palográfico, a Escala de Avaliação de Tendência à Agressividade (EATA) e a Escala de Avaliação da Impulsividade (EsAvI). Como mencionado, a pesquisa se justifica em função da necessidade de estudos psicométricos que investiguem a existência de evidências de validade entre medidas de autorrelato e técnicas projetivas.

A escolha pelos testes Palográfico e PMK relaciona-se ao fato de serem consideradas técnicas

expressivas, que envolvem a realização de traçados de maneira a identificar características de personalidade. Tanto o PMK quanto o Palográfico se propõem a medir traços de agressividade e impulsividade e possuem embasamento teórico semelhante. Com isso, e pelo fato de ambos se enquadrarem na categoria de testes projetivos, aventa-se a hipótese de que sejam encontradas correlações positivas e significativas entre as duas medidas.

A agressividade no PMK é definida como uma força propulsora que leva o indivíduo a uma atitude de afirmação e domínio pessoal perante as situações que vivencia, podendo ser direcionada ao meio social (hetero agressividade) ou para si mesmo (auto agressividade) (Galland de Mira, 1987). Por sua vez, o teste Palográfico também divide o construto agressividade em auto e hetero agressividade, e ainda, faz a diferenciação dos planos físico e verbal (Alves & Esteves, 2009). Importante destacar que a aferição da agressividade no Palográfico pode ser feita por meio da presença de ganchos que podem se situar na parte inferior ou superior do Palo, e ainda voltado para a direita ou para a esquerda.

No que se refere à impulsividade, no PMK é definida como um processo fisiológico, no qual as estimulações se manifestam de maneira irregular e/ou alterada (Galland de Mira, 1987). Já no Palográfico é definido como a “atividade irrefletida ou que não pode ser contida no indivíduo” (Alves & Esteves, 2004, p. 148). Em ambos os instrumentos, a avaliação do traço impulsividade é realizada calculando-se a diferença entre o maior e o menor comprimento linear.

Dessa forma, observa-se que tanto o PMK quanto o Palográfico baseiam-se no comportamento expressivo que preconiza que cada indivíduo possui padrões de movimento, gestos, ritmo e respostas motoras peculiares. Assim, a hipótese aventada refere-se à possibilidade de encontrar evidência de validade convergente entre as técnicas em questão.

No que se refere à relação entre técnicas projetivas e de autorrelato, Allport (1973), que publicou diversos trabalhos sobre o comportamento expressivo, o considerava diferente do comportamento instrumental à medida que o primeiro se constitui como espontâneo, incontrolável, não intencional e capaz de refletir a estrutura mais profunda da pessoa, por estar abaixo do limiar da consciência. Já o comportamento instrumental seria determinado pelas necessidades ocasionais,

controlado facilmente, formal e com intenções claras e específicas, sendo tipicamente consciente. Este último (comportamento instrumental) se aproxima da forma de resposta dos testes de autorrelato, nos quais o avaliado tem total consciência e controle ao responder uma escala ou inventário de personalidade. Nesse sentido, ao trabalhar com duas técnicas de autorrelato (EATA e EsAvI) como medidas a serem relacionadas com o PMK, objetiva-se também verificar se esses instrumentos podem ser considerados convergentes ou não.

MÉTODO

PARTICIPANTES

A amostra foi constituída por 300 pessoas, sendo 77,7% do sexo feminino, residentes em Belo Horizonte e região metropolitana, com idades entre 18 e 61 anos ($M=26,99$; $DP=8,36$). O nível de escolaridade variou entre Ensino Fundamental incompleto até a Pós-Graduação, sendo a maioria estudantes de graduação (72%).

INSTRUMENTOS

PSICODIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO - PMK (GALLAND DE MIRA, 1987).

O PMK é um teste expressivo gráfico que se baseia na Teoria Motriz da Consciência, e preconiza que toda ação ou reação do sujeito é precedida por uma mudança do tônus postural. A teoria motriz da consciência foi referenciada por Willian James, que acreditava que toda consciência é motora e que há uma interação entre as respostas emocionais e seu correspondente fisiológico (Mira y López, 1979). A teoria Motriz da consciência foi ampliada por Margareth Floyd, Wasburn, Edmund Jacobson e Gabriel Madinier (Mira y López, 1979). O PMK avalia seis dimensões, com polaridades distintas, sendo eles, Tônus Vital, Agressividade, Reação Vivencial, Dimensão Tensional, Predomínio Tensional e Emotividade. A aplicação não tem tempo limite, pode ser realizado por sujeitos de diversos níveis de escolaridade, inclusive analfabetos e é realizada com lápis e papel, sendo necessária uma mesa específica para a aplicação do mesmo. O teste compõe-se de seis folhas com exemplos impressos. A execução do

PMK requer uma postura adequada, que inclui a coluna ereta e pés apoiados no chão. Para a análise quantitativa do PMK utiliza-se a régua, uma máscara (crivo) ou um *software*. Importante destacar que neste estudo foram utilizados apenas os traçados referentes às dimensões agressividade e impulsividade.

TESTE PALOGRÁFICO (ALVES & ESTEVES, 2004)

O teste Palográfico foi criado pelo psicólogo Salvador Escala Milá, e é uma técnica que se propõe a analisar vários aspectos da personalidade, tais como, interação social, auto-estima, controle emocional, impulsividade, agressividade, relacionamento com autoridades, entre outras. Trata-se de uma técnica de aplicação individual ou coletiva, que pode ser administrada em sujeitos a partir dos oito anos de idade. O material necessário para aplicação é a folha padronizada com os traços iniciais impressos, disponível em dois tamanhos, grande e pequeno, lápis preto número 2 e cronômetro. O teste é dividido em duas partes, sendo a primeira um treinamento e adaptação do sujeito à tarefa, com cinco tempos de 30 segundos. Já a segunda parte é o teste propriamente dito e é feita com cinco tempos de um minuto. Assim como no PMK, nesta pesquisa foram utilizadas apenas as medidas referentes a agressividade e impulsividade.

ESCALA DE AVALIAÇÃO DE TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE - EATA (SISTO, 2012)

Trata-se de uma escala que investiga condutas agressivas, bem como a tendência de uma pessoa a manifestar agressividade. Possui três dimensões ou subescalas (A - condutas agressivas comuns a ambos os sexos; B - condutas predominantemente masculinas e C - condutas predominantemente femininas). O material necessário para a aplicação inclui caderno de aplicação e folha de resposta. A aplicação pode ser individual ou coletiva e dura cerca de 20 minutos.

ESCALA DE AVALIAÇÃO DA IMPULSIVIDADE - ESAVI (RUEDA & ÁVILA-BATISTA, 2011)

Trata-se de uma escala composta por 31 itens que avaliam a impulsividade em 4 fatores, a saber, falta de concentração e de persistência; controle

cognitivo; planejamento futuro; e Audácia e temeridade. O fator 1 (falta de concentração e de persistência) se refere à incapacidade que o indivíduo apresenta de manter o foco em uma determinada tarefa ou atividade por um tempo prolongado sem se dispersar, assim como dar continuidade a algo que tenha iniciado. O fator 2 (controle cognitivo) diz respeito ao quanto o indivíduo procura refletir sobre suas ações, buscando avaliá-las antes de agir ou responder aos estímulos externos ou internos. Por sua vez, o fator 3 (planejamento futuro), se refere à capacidade de planejar ações cujos efeitos não se restringem ao momento presente. Por fim, o fator 4 (audácia e temeridade) destaca a incapacidade de avaliar situações que possam envolver algum risco, bem como refletem busca por sensações novas. As respostas são em formato *Likert* de 5 pontos. O material necessário para a aplicação consiste de uma folha de resposta com instruções de auto aplicação.

PROCEDIMENTOS

Depois de obter a autorização da instituição para coleta dos dados e a aprovação do projeto por um Comitê de Ética (CAAE: 09550212700005514), realizou-se o contato com os sujeitos em sala de aula e os mesmos foram convidados a participarem voluntariamente da pesquisa.

Para a coleta dos dados contou-se com a ajuda de auxiliares que foram previamente treinados na aplicação dos testes. Todos os auxiliares eram estudantes de psicologia ou Psicólogos que já tinham experiência com a aplicação e correção do PMK e Palográfico. A administração das técnicas ocorreu na Clínica de Psicologia de uma instituição de nível superior na cidade de Belo Horizonte e também no Laboratório de Avaliação Psicológica dessa instituição.

Após serem informados sobre os objetivos da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os indivíduos passaram pela aplicação coletiva, em sala de aula, aos testes Palográfico, EATA ou EsAvI, e, num segundo momento, ao PMK individualmente, na Clínica de Psicologia. Neste último caso, foi agendado um horário no qual os participantes compareceram até o local. A aplicação do PMK ocorreu em uma única sessão e foram aplicados todos os traçados que compõe o teste, sem intervalo de uma sessão para a outra. No que se refere aos participantes que não eram estudantes universitários, todos os

testes foram aplicados nas dependências da Clínica de Psicologia.

A coleta dos dados teve a duração de aproximadamente duas horas. Dos 300 participantes que foram submetidos ao Palográfico e ao PMK, 110 foram submetidos também à EATA; e outros 110 à EsAvI.

Após a coleta dos dados, os testes passaram por correção conforme as especificações contidas nos respectivos manuais. O PMK foi mensurado utilizando-se a régua para avaliação dos desvios em milímetros e, em seguida, os valores encontrados foram transformados em tetrons ($\frac{1}{4}$ do desvio padrão), conforme tabelas para amostras dos sexos masculino e feminino contidas no manual publicado em 1987, considerando que este é único manual que apresenta as tabelas completas do teste. As tabelas atuais contidas no manual de 2014 contemplaram estudo realizado com 900 sujeitos, sendo 700 candidatas a seleção de pessoal na cidade de São Paulo, o que ocorreu com a aplicação reduzida do PMK. Por ser um teste de aplicação muito longa, há a possibilidade de se aplicar o teste de forma reduzida, eliminando a aplicação das Cadeias e Escadas (Galland de Mira, 1987, 2014). Como neste trabalho houve o objetivo de se avaliar o teste todo, optou-se por utilizar as tabelas de 1987, que contemplam os traçados não aplicados na forma abreviada.

RESULTADOS

Inicialmente destaca-se que em relação ao PMK, a amostra foi dividida em 3 grupos, sendo o grupo 1 correspondente aos valores de -12 a -5 tetrons (rigidez no construto predomínio tensional e auto agressividade no construto agressividade), grupo 2 correspondendo aos valores de -4 a +4 (normalidade) e grupo 3, correspondendo aos valores +5 a +12 (impulsividade e hetero agressividade). Para facilitar a visualização, a Tabela 1 apresenta a distribuição percentual das categorias referentes aos traçados do Predomínio Tensional e do Fator Agressividade, considerando o agrupamento mencionado.

Vale ressaltar que conforme descrito na Tabela 1, a distribuição percentual das categorias referentes aos fatores Predomínio Tensional e Agressividade revelou uma concentração de sujeitos dentro da normalidade. Isso era esperado, uma vez que a amostra foi constituída predomi-

nantemente por estudantes universitários que, segundo Myers (1993), estão sujeitos ao controle cultural que inibe os comportamentos agressivos e impulsivos. Tal fato distancia esta amostra de um grupo clínico que estaria mais afeito ao descontrole da impulsividade e da agressividade, e que, portanto, poderiam estar mais distribuídos nos grupos 1 e 3.

Os itens referentes ao Fator Impulsividade e ao Fator Agressividade foram avaliados separadamente (cada traçado), com o objetivo de minimizar as possíveis interpretações equivocadas que poderiam advir de uma análise do fator. Em relação ao Fator Impulsividade, realizou-se uma avaliação da distribuição da amostra por meio do teste de normalidade Shapiro Wilk, e o resultado revelou a existência de amostras paramétricas e não paramétricas no mesmo fator.

Procedeu-se a análise de variância por meio da ANOVA para a amostra paramétrica e o Kruskal Wallis para amostras não paramétricas. Trata-se de um método não paramétrico usado para testar se um conjunto de amostras provém da mesma distribuição. Ele é usado para testar a hipótese nula de que todas as populações possuem funções de distribuição iguais contra a hipótese alternativa de que ao menos duas das populações possuem funções de distribuição diferentes. Enquanto a análise de variância dos testes depende da hipótese de que todas as populações em confronto são independentes e normalmente distribuídas, o teste de Kruskal Wallis não coloca nenhuma restrição sobre esta comparação. Resultados significativos revelam que pelo menos uma das amostras é diferente das demais. Contudo, este método não identifica onde ocorrem e nem quantas são as diferenças. Nesse caso, deve-se utilizar o teste de Mann Whitney para verificar onde tais diferenças se encontram.

Em relação ao Fator Agressividade, após a avaliação da distribuição da amostra, verificou-se que a mesma não apresentou nenhuma distribuição normal, o que impediu a análise de variância por meio da ANOVA. Em substituição a essa metodologia estatística utilizou-se o teste Kruskal Wallis.

Para análise das informações referentes ao construto Impulsividade, realizou-se a ANOVA, com prova post hoc de Tukey para as amostras paramétricas e o Kruskal Wallis e teste de Mann Whitney para as não paramétricas. A análise dos oito traçados relativos a este Fator em compara-

Tabela 1.

Distribuição percentual das categorias referente aos traçados do Fator Predomínio Tensional e do Fator Agressividade

Traçados	Rigidez n (%)	Normalidade n (%)	Impulsividade n (%)
Zig. Egocíf. ME	14 (4,7)	239 (79,7)	47 (15,7)
Zig. Egocíp. ME	14 (4,7)	233 (77,7)	53 (17,7)
Paral. Egocíf. ME	5 (1,7)	269 (89,7)	26 (8,7)
Paral. Egocíp. ME	12 (4,0)	250 (83,3)	38 (12,7)
Zig. Egocíf. MD	9 (3,0)	258 (86,0)	33 (11,0)
Zig. Egocíp. MD	14 (4,7)	242 (80,7)	44 (14,7)
Paral. Egocíf. MD	13 (4,3)	265 (88,3)	22 (7,3)
Paral. Egocíp. MD	16 (5,3)	260 (86,7)	24 (8,0)

	Auto agressividade n (%)	Normalidade n (%)	Hetero agressividade n (%)
DPs Lineo. ME	34 (11,3)	228 (76,0)	38 (12,7)
DPs Zig. ME	31 (10,3)	228 (76,0)	41 (13,7)
DPs Cadeias ME	30 (10,0)	247 (82,3)	23 (7,7)
DPs Paral. ME	25 (8,3)	218 (72,7)	57 (19,0)
DPs Us ME	27 (9,0)	238 (79,3)	35 (11,7)
DSh Lineo. ME	32 (10,7)	236 (78,7)	32 (10,7)
DPs Lineo MD	29 (9,7)	233 (77,7)	38 (12,7)
DPs Zig. MD	24 (8,0)	221 (73,7)	55 (18,3)
DPs Cadeias MD	25 (8,3)	244 (81,3)	31 (10,3)
DPs Paral. MD	26 (8,7)	207 (69,0)	67 (22,3)
DPs Us MD	22 (7,3)	238 (79,3)	40 (13,3)
DSh Lineo. MD	30 (10,0)	226 (75,3)	44 (14,7)

ME = mão esquerda

MD = mão direita

Zig = sigues-sagues

Paral= paralelas

Lineo+ lineogramas

DPs= desvio primário sagital

DPh= desvio primário horizontal

ção com as médias dos Fatores da EsAvI mostrou não haver diferenças significativas entre os grupos (impulsivos, normais e rígidos), com exceção apenas do traçado correspondente à diferença de comprimento linear do Zigue-Zague da mão di-

reita (Zig_H) com o 'Controle cognitivo' da EsAvI [$F(2,108)=4,42, p=0,014$]. Os valores referentes à prova de Tukey desse traçado encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2.
Prova de Tukey da Diferença Linear do zigue MD em relação ao Fator Controle Cognitivo da EsAvI.

Grupos	Subconjunto para alfa = 0.05	
	1	2
Impulsividade	22,75	
Normalidade		29,85
Rigidez		29,15
<i>p</i>	1,000	0,948

Os resultados apresentados na Tabela 2 mostram diferença significativa entre os sujeitos normais e rígidos ($p=0,011$) com os sujeitos impulsivos

Tabela 3.
Resultado do teste Kruskal Wallis entre traçados do Fator Agressividade e subescalas da EATA.

Grupos PMK	Mediana EATA	Teste Kruskal Wallis
Cadeia ME	Subescala A	Qui-quadrado (p)
Auto agressividade	11,00	
Normalidade	6,00	5,47 ($p=0,65$)
Hetero agressividade	8,00	
Us MD	Subescala B	Qui-quadrado (p)
Auto agressividade	3,50	
Normalidade	3,00	9,46 ($p=0,09$)
Hetero agressividade	2,00	
Paralela ME	Subescala B	Qui-quadrado (p)
Auto agressividade	11,00	
Normalidade	6,00	7,15 ($p=0,28$)
Hetero agressividade	8,00	

Após a análise pelo método de Mann Whitney, encontrou-se uma inconsistência nos valores relativos à subescala B e à Paralela ME, revelando um valor de $\alpha > 0,017$ (referência obtida após a correção de Bonferroni: $\alpha = 0,05/3 = 0,017$) e tal traçado foi desconsiderado por não apresentar diferença entre os grupos. Dessa forma, apenas dois traçados relativos à Agressividade mantiveram-se, pois apresentaram diferenças significativas entre os grupos, sendo eles as Cadeias sagitais da mão esquerda (normalidade x hetero agressividade - $p=0,002$) e Us sagitais da mão direita (auto agressividade x normalidade - $p=0,002$; auto agressividade x hetero agressividade - $p=0,007$).

Dando continuidade à análise da agressividade, os dados referentes a este fator no PMK foram comparados à porcentagem de ganchos ou arpões que se constituem como dados quantitativos no Palográfico, utilizando-se a correlação de Spearman. Foram analisados os quatro tipos de

vos ($p=0,049$). Com isso, percebe-se que pessoas com maior impulsividade de acordo com o PMK, apresentam um menor controle cognitivo, caracterizado pelo agir precipitado, e sem pensar em estratégias prévias diante das questões que lhe são apresentadas.

No que se refere à Agressividade, dos doze itens que compõem o fator, apenas três apresentaram diferença quando comparados às subescalas da EATA (A, B e C). Os mesmos referem-se aos desvios primários das Cadeias da mão esquerda, paralelas da mão esquerda e Us sagitais da mão direita. Os resultados encontram-se na Tabela 3.

ganchos presentes no Palográfico, quais sejam, na parte inferior direita referindo-se à hetero agressividade física; na parte inferior esquerda referindo-se à auto agressividade física; na parte superior direita referindo-se a hetero agressividade verbal e; finalmente, na parte superior esquerda referindo-se a auto agressividade verbal. Os resultados mostraram valores pouco significativos, sendo alguns negativos e abaixo de $-0,12$, revelando não haver correlação entre os dois instrumentos no que se refere à Agressividade.

Por fim, para investigar as evidências de validade do PMK em relação à impulsividade, a diferença entre o tamanho dos palos foi correlacionada a cada item relativo ao Fator Predomínio Tensional do PMK, por meio da correlação de Pearson. Das 8 correlações possíveis, apenas uma (Diferença linear do Zigue-Zague da ME) apresentou um valor positivo ($r=0,28$; $p<0,01$).

Em relação aos demais indicativos qualitativos de agressividade e impulsividade do Palográfico, foi realizada uma análise de associação por meio do teste qui-quadrado considerando os seguintes itens da agressividade: linhas que se tocam ou sobrepostas, correções e retoques, extremidades dos palos com ponta aguda, palos com pontas engrossadas, margem direita precipitada, palos com pontas em forma de agulha ou punhal, cruzamento dos palos, direção das linhas muito ascendente (3,1° ou >), tamanho muito aumentado (>12,5 mm). Os resultados do teste qui-quadrado não foram significativos em nenhuma das associações.

Em relação à impulsividade, os itens qualitativos foram o agrupamento dos palos com irregularidades nas distâncias, a pressão irregular, a irregularidade brusca e acentuada no tamanho dos palos, os palos com pontas engrossadas, acentuada irregularidade na distância entre palos, com avanços bruscos, distância entre palos aumentada ou muito aumentada (acima de 4,6 mm) e diferença de tamanho dos palos acima de 8,0 mm. Os resultados dessa análise mostraram associações fracas entre a impulsividade no PMK e no Palográfico.

DISCUSSÃO

Primeiramente, deve-se considerar que o PMK é uma técnica com características *sui generis* que o diferencia dos testes psicológicos em geral. Como exemplo pode-se citar a sua forma de aplicação, que exige uma mesa específica, o controle visual ao realizar os traçados e a postura exigida ao realizar a tarefa (Galland de Mira, 1987). A presença de fatores com polaridades distintas revela características diferentes em uma mesma medida, como é o caso da auto e hetero agressividade. O fato de haver em um mesmo fator valores que vão do -12 ao +12 dificulta uma análise estatística baseada em métodos comumente utilizados na Psicologia que explicam e possibilitam a compreensão do fenômeno, baseando-se na Psicometria. Ainda, há a possibilidade de um mesmo sujeito apresentar, no mesmo fator, resultados que revelam traços de auto agressividade, normalidade e ainda, hetero agressividade, o que exige, por parte do avaliador, conhecimento aprofundado sobre a técnica e sobre sua forma de interpretação. Por fim, e não menos importante, a teoria que sustenta tal técnica (TMC) é específi-

ca deste instrumento, não havendo, na literatura, outro instrumento que utilize tal fundamentação teórica (Galland de Mira, 1987). Assim, fica clara a singularidade desta técnica e a dificuldade de se encontrar correlações com outros instrumentos, que embora meçam os mesmos construtos teóricos, fundamentam-se em teorias mais atuais e consolidadas da Psicologia.

Em relação aos resultados aqui encontrados, os mesmos corroboram estudos que afirmam que as comparações entre as medidas objetivas e as técnicas não estruturadas são baixas e/ou negativas (Borges, Loth & Resende, 2012; Meyer, 1996; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Por se tratar de instrumentos distintos no que se refere ao modo de apreensão da resposta e nível de profundidade, o acesso às características de personalidade não ocorre de modo equivalente. Em outras palavras, uma técnica expressiva, conforme aponta Allport (1973), acessa a informação que se encontra abaixo do nível de consciência do avaliado impedindo qualquer tipo de controle, o que inviabiliza a manipulação dos dados, fato este que não ocorre com as escalas de autorrelato. Estas, por sua vez, são passíveis de controle por parte do avaliado, pois sofrem influência da auto percepção do avaliado em detrimento do construto latente, ou seja, as percepções que as pessoas têm de si frequentemente são falhas.

Em relação às técnicas expressivas, Palográfico e PMK, no que tange a agressividade, não foram encontradas correlações positivas e significativas entre as mesmas. Por tratar-se de técnicas de mesma natureza (gráficas-expressivas), esperava-se alguma associação positiva entre elas, pois o modo de apreensão da resposta é similar, bem como, a proposta teórica de ambos os instrumentos convergem em relação ao comportamento expressivo. Os resultados aqui encontrados não corroboram os achados de Conti (2014), que encontrou correlações com magnitudes variando de fracas a moderadas ($r=0,24$ a $0,52$) entre os ganchos à direita no Palográfico e as medidas de agressividade do PMK. Contudo, em relação aos ganchos da parte esquerda, Conti (2014) encontrou apenas uma correlação significativa, de magnitude baixa ($r=0,17$) referente às paralelas da mão direita, o que se assemelha aos resultados aqui encontrados. Importante destacar que a amostra pesquisada por este autor foi composta por 50 mulheres com sintomas depressivos, 50 homens reincidentes do Sistema Prisional do es-

tado de São Paulo, 50 pessoas com esquizofrenia (35 homens e 15 mulheres) e 60 participantes do grupo controle (29 mulheres e 31 homens). Essa amostra, diferentemente da contemplada no presente estudo, incluiu grupos clínicos com características díspares, porém homogêneas em relação a transtornos de personalidade.

Já em relação à impulsividade, o único traçado que revelou uma correlação positiva quando comparado com a diferença de tamanho dos palos, foi o item referente à diferença linear do zigue-zague da mão esquerda, embora com magnitude fraca ($r=0,28$), sugerindo haver correspondência entre os dois itens. Contudo, não se pode desconsiderar que o Fator Predomínio Tensional contempla oito traçados, quatro para cada mão, e desses apenas um mostrou uma fraca associação com a diferença de tamanho dos palos no teste Palográfico.

Os resultados das análises revelaram não haver diferenças significativas entre os itens que compõe o Fator Agressividade do PMK e a EATA, com exceção apenas para as Cadeias sagitais da mão esquerda e os Us sagitais da mão direita. Levando-se em conta que o Fator Agressividade é composto por doze traçados, sendo seis para cada mão, a diferença significativa em apenas um traçado da mão esquerda (Cadeias) e um para a mão direita (Us sagitais) mostra-se insuficiente para afirmar que houve uma associação entre o Fator Agressividade no PMK e na EATA. Ainda, a diferença ocorreu entre dois grupos e não entre os três, o que seria mais adequado.

Considerando as pesquisas realizadas por Mira y López (1946) e outros pesquisadores dessa época (Bessa, 1954; Rennes, 1965; Adrados, 1967) que investigaram a validade do teste PMK, observa-se que o tratamento estatístico apresentava maiores dificuldades, em função da inexistência de computadores com programas estatísticos avançados. Além disso, as amostras, de maneira geral, eram muito pequenas e algumas pesquisas utilizavam metodologia qualitativa em detrimento da quantitativa, e não menos importante, muitas vezes buscavam evidências de validade clínica, em detrimento de tratamento estatístico. Desse modo, havia o interesse maior por parte dos pesquisadores em investigar validade de critério e não validade de construto.

Como exemplo disso pode-se citar a pesquisa realizada por Mira y López (1946), na qual se baseou em observações clínicas com seus pacien-

tes em hospital psiquiátrico, durante onze anos, diferindo completamente da proposta contemporânea que preconiza a utilização de estatística de ponta como Análise Fatorial entre outras. Vale reforçar que não foram encontradas pesquisas realizadas por Mira y López com esta perspectiva, e que ao contrário, por ser um médico psiquiatra seu conhecimento acerca dos pacientes é que era considerado no momento de realizar um diagnóstico diferencial. Infere-se, portanto, que o próprio autor do teste se abstinha de utilizar tratamento estatístico para atribuir validade ao PMK, e que as pesquisas qualitativas e evidências clínicas é que subsidiaram a “constatação” ou parâmetros psicométricos de validade do PMK.

Contudo, a despeito dos resultados aqui encontrados, o fato de medidas diferentes do mesmo construto apresentar baixa correlação dos escores não deve ser reconhecido como necessariamente um problema de validade (Loth, 2012). De acordo com a autora, “em algumas situações, é justamente a fraca correlação que sustenta evidências de validade a ambas, o que permitirá avaliar de outra perspectiva a utilidade clínica e empírica de ambos os métodos para um dado construto” (p. 43).

Assim, fica evidente que, por se tratarem de formas distintas de acessar as informações, mais pesquisas devem ser realizadas com o intuito de se dirimir quaisquer dúvidas a este respeito. Deve-se ter clareza que são métodos distintos, e não melhores ou piores para se apreender características de personalidade. Ainda, é importante ter em mente que a falta correlação entre eles pode indicar falta de validade convergente, mas não falta de validade de construto de um ou outro método.

Coloca-se como limitação deste trabalho o tipo de amostra utilizada, uma vez que em sua maioria foi composta por estudantes de graduação, que apresentaram dados dentro do limite de normalidade no que se refere aos construtos aqui investigados. Sugere-se para trabalhos futuros a realização de pesquisas com grupos clínicos, pois nesta perspectiva, Mira y López (1949), Conti (2014) e Silva e Fernandes da Fonseca (2000) encontraram evidências de validade para o Psicodiagnóstico Miocinético.

REFERÊNCIAS

- Adrados, I. (1967). Respostas de espaço em branco no teste de Rorschach e sua correlação com dados do PMK e da entrevista. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 4(2), 9-28.
- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (2014), *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Research Association.
- Allport, G. W. (1973). *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: EPU.
- Alves, I. C. B., & Esteves, C. (2004). *O teste Palográfico na avaliação da personalidade*. São Paulo: Vetor.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Bessa, P. P. (1954). A fidedignidade do Psicodiagnóstico Miocinético. *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*, 6, 232-241.
- Borges, P. M. M., Loth, O., & Resende, A. C. (2012). *Convergências entre variáveis do Método de Rorschach e o fator estabilidade emocional: informações preliminares. Métodos projetivos e avaliação psicológica: atualizações, avanços e perspectivas*. VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos. Brasília, DF. 12-27.
- Conti, F. D. (2014). *Investigação da validade e precisão do Psicodiagnóstico Miocinético - PMK*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Galland de Mira, A. M. (1987). *Psicodiagnóstico Miocinético*. São Paulo: Vetor.
- López, E. M. (1946). *El Psicodiagnóstico Miocinético*. Psiquiatria, 3ª ed. Buenos Aires: Ateneo.
- Mira y López, E. M. (1949). Aplicação do psicodiagnóstico miocinético ao estudo da agressividade. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 1(1), 69-11.
- Loth, O. A. M. (2012). *Instrumentos de Avaliação de Personalidade e Validade*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia.
- Meehl, P. E. (2000). The Dynamics of "Structured" Personality Tests. *Journal of Clinical Psychology*, 56(3), 367-373.
- Messick, S. (1989). Meaning and Values in Test Validation: The Science and Ethics of Assessment. *Educational Researcher*, 18(2), 05-11.
- Meyer, G. J. (1996). The Rorschach and MMPI: Toward a more scientifically differentiated understanding of cross-method assessment. *Journal of Personality Assessment*, 67, 558-578.
- Pasquali, L. (1999). Testes referentes a construto: Teoria e modelo de construção. Em L. Pasquali (Org.). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração* (pp. 37-71). Brasília: Editora LabPAM/IBAPP.
- Primi, R., Muniz, M. N., & Nunes, C. H. S. (2009). Definições contemporâneas de validade dos testes psicológicos. Em C. S. Hutz (Org.) *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rennes, P. (1965). Une analyse factorielle du PMK de Mira y López. *Revue de Psychologie Appliquée*, 15(3), 149-177.
- Rueda, F. J. M., & Ávila-Batista, A. C. (2011). *Escala para Avaliação da Impulsividade: Formas A e B (EsAvI-A e EsAvI-B)*. São Paulo: Vetor.
- Silva, A. & Fernandes da Fonseca, A. (2000). Estudo de variáveis psicomotoras e comportamentais na normatização de algumas alterações mentais. *Revista de Psiquiatria*, 1(2), 35-44.
- Sisto, F.F. (2012). *Escala de Avaliação de Tendência a Agressividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Villemor-Amaral, A. E., & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Weiner, I. B., & Greene, R. L. (2004). *Handbook of personality assessment*. New York: Wiley.

Myokinetic Psychodiagnosis: evidence of validity using expressive and self-report techniques

ABSTRACT

The aim was to investigate validity evidence to PMK based on Tendency to Agression Scale (EATA), Impulsivity Assessment Scale (EsAvI), and Palográfico test. The sample consisted of 300 subjects, men and women, aging from 18 to 61 years and. All participants underwent the PMK and Palográfico, and of these, 110 underwent EATA and EsAvI. The PMK data were divided into three groups (-4 to +4, +/- 5 to +/- 8 and +/- 9 to +/- 12). Regarding the impulsivity, the variance analysis showed only one trace with significant result and relative to aggressiveness only two traces differentiated the groups. Only one trace of the PMK correlated positively (0.28, $p < 0.001$) with the size of the palos. The correlations between the percentage of hooks on Palográfico and PMK were not significant. The chi-square test revealed no significant associations between the qualitative data of the Palográfico and the PMK.

Keywords: PMK, validity, aggressiveness, impulsivity

Psicodiagnóstico Miokinético: evidencias de validez entre técnicas expresivas y técnicas de autoinforme

RESUMEN

El objetivo fue investigar evidencias de validez entre el PMK y la Escala de Tendencia a la Agresividad (EATA) y la Escala de Evaluación de la Impulsividad (EsAvI) y entre el PMK y el Palográfico. La muestra contó con 300 sujetos de 18 a 65 años, hombres y mujeres. Todos los participantes respondieron el PMK y el Palográfico, mientras que 110 respondieron también la EATA y la EsAvI. Los datos del PMK fueron separados en tres grupos (-4 a +4, de +/-5 a +/-8 y +/-9 a +/-12). Sobre la impulsividad, el análisis de variancia mostró apenas un trazado con resultado significativo y con relación a la agresividad apenas dos trazados diferenciaron los grupos. Apenas un trazado del PMK se correlacionó positivamente (0,28 $p < 0,001$) con el tamaño de los palos. Las correlaciones entre el porcentaje de ganchos en el Palográfico y el PMK no fueron significativas. El test chi-cuadrado no mostró asociaciones significativas entre los datos cualitativos del Palográfico y el PMK.

Palabras clave: PMK, validez, agresividad, impulsividad

Endereço para correspondência:

Prof. Dr. Fabián Javier Marín Rueda

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco

Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45. Centro, Itatiba, São Paulo

CEP: 13254-626

E-mail: <fabian.rueda@usf.edu.br>.